

## A EPIFANIA DA MAGIA EM A VELHA SIMOA

Beliza Aurea de Arruda MELLO  
UFPB

*Resumo: Este artigo apresenta uma análise sobre a estigmatização das mulheres no imaginário popular, freqüentemente vítimas e preconceitos misóginos e, por isso, identificadas como mulheres diabólicas. A personagem da Velha Simôa, narrativa recolhida pelo pesquisador paraibano Ademar Vidal e que faz parte do seu livro Lendas e superstições, mostra imagens recorrentes sobre crenças populares e práticas rituais que expressam a dimensão simbólica da mulher e seus múltiplos aspectos que caracterizam um trajeto imaginário veiculado pela Tradição oral desde o período medieval, reafirmando a inferioridade da mulher apontada pelo Gênesis, mais exatamente nos episódios da criação e a queda de Eva. Este mito persuade o imaginário do Ocidente projetando um conjunto de argumentos antifemininos tirados do Antigo Testamento, de alguns textos da Antiguidade Clássica e dos autores medievais.*

Palavras-chave: *mulher - feiticeira - magia - imaginário - cultura popular*

“Oh diabo a quem conjurei.  
Como cumpriste a palavra  
em tudo o que te pedi!  
Estou a teu dispor.”

*A Celestina.* Fernando de Rojas

**E**mbora as deusas não sejam personagens nas narrativas populares nordestinas, teimosamente, elas emergem das sombras inspirando e/ou provocando imagens arquetípicas.

Conflui por contigüidade acompanhando as deusas outra “*entourage*” misteriosa compatível à mentalidade mágica - as Feiticeiras.

São mulheres estigmatizadas na mentalidade popular, vítimas de preconceitos e por isso, acantonadas ao “regime noturno”<sup>1</sup> pela prática de cultos ctônicos e lunar acumulando a reduplicando estereótipos de reverência ao demônio, abjuração de Deus e da fé.

Essas personagens cujas estruturas mentais lhes conferem preconceito reconstruem na contramão o exercício do relacionamento mágico entre o real e imaginário, reestruturando assim, “o *iluminismo da loucura lúcida*” (Michelet, 1991). Antagonicamente, eles têm a ciência da cura, mas não são sábias, descobrem a patologia social e são consideradas desprezíveis conscientes e inconscientemente exercem a magia, mas não são deusas.

Dentro desta perspectiva, são mulheres motivadas pela experiência individual e/ou coletiva do cotidiano que procuram contestar embora silenciosamente a ordem estabelecida transpondo barreiras e valores morais padronizados.

Rejeitadas pelo sistema, são punidas também esteticamente. No imaginário iconográfico, são estruturadas de maneira rígida e com preconceitos exacerbados, por isso, são velhas, feias, narizes adunco, extremamente magra ou gorda, destituídas, portanto, de pouca atração sexual.

São abundantes os exemplos iconográficos que pontuam essa discriminação, como por exemplo, as gravuras de Ulrich Molitor: *Les repas de Sorcières*, *Sorcières faisant descendre*; a feiticeira em um detalhe de *Juízo Final* de Bösh, gravura de Oliüs Magnus - *Le diable emportant une sorcière*; pinturas de Goya como *Le départ pour le sabbat*; *O Sabá e Cozinha das Bruxas*.

Assim, por trás desses detalhes, aparentemente bizarros, deixam-se entrever lugares-comuns da propaganda irracional antifeminina. Através de uma ordem oculta, impõem-se re-

---

<sup>1</sup> A dinâmica do imaginário para Gilbert Dumond está agrupada em dois regimes: o regime diurno caracterizado pelo dualismo, a antítese e o regime noturno da imagem que está constantemente sob o signo da conversão e do eufenismo valorizado pela noite.

jeições simplistas tais como associar a feiúra ao caráter da pessoa.

Entretanto, essas estruturas invisíveis retecem-se e interpenetram-se com vigor na mentalidade coletiva, unindo, o imaginário e o princípio da realidade, fazendo-se suspender a distância entre o real e o simbólico, proporcionando uma oposição narcísica do homem. Com freqüência são vistos no cotidiano conceitos, entre os quais aquele de que o contato com a mulher deixa o homem de corpo aberto, enfraquecendo-o, são crenças tão fortes no imaginário que não é raro o discurso literário sinalizar tais conceitos, como se pode ver numa fala de Joãozinho Bem-Bem de *Sagarana*: “*E as moças... Para mim não quero nenhuma, que mulher não me enfraquece*”.

Também a *Novela de Cavalaria da Idade Média* mostra, pelo contínuo exercício da castidade, um mesmo temor senão uma misoginia.

Aprendem-se esses tabus também nas narrativas populares brasileiras onde se tenta disfarçar a misoginia transferindo-a as personagens do diabo que comumente preferem afastar-se das mulheres por serem mais perigosas e astuciosas do que eles.

Às vezes, o preconceito vem mais velado, mostrando personagens femininas solitárias que não conseguem agradar a ninguém se não for com a ajuda do Diabo.

É o caso da narrativa “*A Velha Simôa*”, recolhida por Ademar Vidal no livro *Lendas e superstições*.

A narrativa é sobre a Velha Simôa que morava só em uma casa distante e não tinha amigos. Enviuvara e envelhecera rapidamente. Trabalhava na lavoura e fabricava um aguardente com que se viciou em beber. Colocava moringas com cachaça, em vários pontos da estrada, para as pessoas beberem, com a esperança de alguém um dia procurar a fabricante. Entretanto, sem ter retorno, resolveu invocar a ajuda do demônio. Em sonhos, teve as indicações precisas de como encontrar um embrulho contendo mezinhas e rezas. Depois disso, ela passa a misturar pós e chás na cachaça que fabricava e novamente colocou nos diversos pontos da estrada e encruzilhada. As pessoas que

sorviam, logo sentiram o efeito positivo da bebida. O mundo parecia mais agradável e melhor, podiam agora, sonhar. As mulheres tornavam-se bonitas e bem feitas de corpo. A partir daí, houve uma mudança radical na vida de Velha Simôa não lhe faltando companhias, comida, beleza e prazeres sexuais. Logo depois a comunidade passou a bendizê-la e entronizou-a como divindade.

Observando-se a “*bacia-semântica*”<sup>2</sup> (Gilbert Durand, 1989) dessa narrativa, apreende-se uma série de “*sentenças-rios*” que se retecem nos meandros do rio para mostrar um discurso único contundente: a epifania da mulher Simôa que alquimicamente se transmuta, transmutando também o Outro.

Analisando-se o nome da personagem título da narrativa - Simôa - apreende-se um jogo parodístico e signo-motivador do texto.

O nome Simôa, feminino de Simão no português arcaico tem origem hebraica - Shimeun - que significa dádiva, atenção de ouvir, o escutado<sup>3</sup>, <sup>4</sup>. É o nome dado por Lia, esposa de Jacob, ao seu segundo filho. Conta o *Gênese* (29:33) que Lia sentindo-se preterida por Jacob por causa de Raquel, sua irmã, pediu a Deus a graça de ter filho porque não podia tê-lo. Ao segundo filho deu o nome de Simão em agradecimento por ter sido escutada.

O texto da Velha Simôa brinca com o primeiro texto bíblico - *Gêneses* -, invertendo o objetivo do pedido. A velha Simôa, como Lia, fora também rejeitada em primeiro lugar indiretamente pelo marido - era viúva, em segundo lugar pela comunidade. Faz como Lia um pedido - de entender dos segredos da feitiçaria -; o destinatário, em vez de ser Deus, foi o Diabo. Enquanto Lia engravida um filho, Simôa engravida-se de esperanças, de vida.

---

<sup>2</sup> Gilbert Dumond compara a dinâmica do imaginário às imagens como deltas “e meandros” que saturam os limites, e deixa-se penetrar aos poucos em profundas mudanças, formando através de “escoamentos” formando uma bacia semântica.

<sup>3</sup>GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1981.

<sup>4</sup>NASCENTES Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 1952. V.2.

Percebe-se uma variante ao avesso da estória de Lia.

Essas relações entre as palavras e as coisas, entre o significativo e seu referencial se estendem às marcas de divindade que a comunidade lhe confere. Embora esteja longe do discurso da ordem - gostava de beber cachaça, gostava de oferecer cachaça aos outros, gostava de "*liberdades periódicas e expansões totais e sentimentos sem freios*", como é dito no texto, ela é exatamente entronizada, não pela medida, mas pela desmedida, pela similitude que tem à natureza e aproximação com Dioniso. É uma deusa com as marcas divinais inversas.

Essa inversão irônica - característica de toda paródia - estende-se aos Benditos a ela oferecido, louvando e exaltando principalmente a "*piripita*" - corruptela de piribita, de birita, sinônimo popular de cachaça.

Veja-se o Bendito:

"A piripita da Velha Simôa  
Tem força invencível  
Para entrar no estômago  
Para tomar contar do buxo  
Nem precisa de benzeduras.  
Valha-nos Deus Nosso Senhor  
Mas por costume se diga:  
Eu te benzo e rebenzo piripita  
*Bendita e bendita, entre as 'benditas'*".

Decodifica-se na estrutura do *Benditus* a sombra parodística por uma espécie de homenagem oblíqua do texto matriz dos Benditos da Igreja Católica.

Essa "bacia semântica" de *Simôa* pode-se estender à imagem de Hécate que como *Simôa* era associada pelos gregos à feitiçaria e oferecia suas oferendas - bebidas e comidas - nas estradas e encruzilhadas; pode-se associar a Lilith que nos textos mesopotâmicos é "succuba", que tenta os homens com sonhos eróticos; pode-se associar a Dioniso - Deus do vinho que com esta bebida trazia a felicidade, proporcionando a comunhão

com todos; pode-se associar à Pomba-Gira, entidade feminina correspondente a Exú, articulada com o demoníaco, que busca o controle de convocar o Demônio na busca principalmente de conquistar Amor, a ela oferece-se bebida nas encruzilhadas.

A literatura da Península Ibérica ora em Portugal ora na Espanha já apontam para as oferendas e uso de encruzilhadas como mostra a fala de Genebra Pereira, personagem do *Auto das Fadas* de Gil Vicente:

*“Genebra Pereira’  
Nunca fez mal a ninguém;  
Mas antes por querer bem  
Ando nas encruzilhadas  
As horas que as bem fadadas  
Dormem sono repousado  
(...)  
E dae boas fadas  
Nas encruzilhadas  
Este caminho vai pera lá  
Est’ outro atravessa cá.  
Vós no meio, alquidar,  
que aqui cruz não há de estar”.*

E a fala de *Celestina* de Fernando Rojas feiticeira especialista nos filtros amorosos:

*“y au la una levataron que era bruja porque la balaron de  
noche con unas candelillas cogiendo tierra de una  
encrucijada”*

*Celestina, ato VII*

Portanto, decodifica-se essa memória bruxal desses personagens como que mascaradas, mas não ocultando funções similares - o uso da magia - ancorando ritos e mitos possibilitando romper situações insuportáveis, reduplicando o conceito de

---

<sup>5</sup>MICHELET, Jean. *A feiticeira*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

Michelet<sup>5</sup> ao dizer que entre muitas funções da feiticeira sobressai-se aquela que “*adormece e engana os males*”.

A Velha Simôa como sacerdotisa da Natureza, procura através do pacto com o Diabo erradicar o desespero. Ao colocar a “moringa de cachaça” nas estradas, ela possibilita o outro suportar uma situação insuportável. O que ela busca é compartilhar experiências, prazeres que possibilitarão a epifania da fantasia coletiva.

O cauim, a piripita da velha Simôa é a mezinha da interação de “indivíduo” e “sociedade”. A cachaça, no texto, rompe o racional e investe na auto-estima:

*“Começaram todo eles a sentir qualquer coisa de novo nas bebidas que tanto apreciaram. Faziam-nos agora sonhar com maiores desenvolturas. O mundo apresenta-se vasto e mais amplo: cheio de encantos, as preocupações ruins afastadas para longe, havendo lugar para as idéias agradáveis. As mulheres ficavam todas bonitas de verdade sem que se pudesse mesmo ver nenhuma delas de cara feia ou mal feita de corpo. Até os homens pareciam melhores. Valiam a pena sentir esse ambiente que não variava a beleza. Uma beleza que não tinha muito de convite para direta participação nos sortilégios”.*

A Velha Simôa interagira na trama imaginária dos desejos recalçados. Sua magia é a utopia em transcender o racional. Beber da sua cachaça é experimentar e comungar da sua utopia social: a busca da alteridade, a busca de um espaço em que todos são iguais não como são, mas como deveriam ser - o “Thiasos” dionisíaco cuja função é a mudança de Estado.

A epifania da magia em a Velha Simôa é a epifania do ser na plenitude do si mesmo.

É a feiticeira Simoa que faz a epifania da mulher Simôa, tirando a máscara de velha para deixar o ser pleno, emergir, transformar o Outro e se transformar.

Assim, dentro desta coletividade, que tem característica de rural, apreende-se a ruptura de uma ortodoxia oficial onde o irracional liga-se diretamente à dinâmica da vida fazendo do imaginário do sobrenatural, da magia a fonte que reforça as necessidades do real.